



## EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE: DESCONSTRUINDO IDEOLOGIA DE GÊNERO E MARXISMO CULTURAL

Rosiléa Agostinha de Araújo<sup>1</sup>  
Lorena Kelly Alves Pereira<sup>2</sup>  
Geovane Gomes de Araújo<sup>3</sup>  
Glauberto da Silva Quirino<sup>4</sup>

### RESUMO

A crescente onda de criação e divulgação de notícias e informações falsas que a partir de 2016 passou a ser conhecida como o fenômeno da pós-verdade tem provocado a construção de narrativas que não correspondem à realidade dos fatos. Exemplos disso são as narrativas relacionadas à “ideologia de gênero” e ao “marxismo cultural”, amplamente divulgadas e usadas no Brasil por segmentos conservadores da sociedade, sobretudo por religiosos e políticos, para causar comoção e terrorismo sociais. Apesar dessas narrativas serem falsas e não encontrarem correspondência com a realidade factual, provocam efeitos reais na vida das pessoas, como a crescente discriminação e violência contra LGBTI+ e mulheres. Objetivamos demonstrar como, a partir de quê e com quais intenções essas historietas são construídas e divulgadas. Em relação à fundamentação teórica nos embasamos nos teóricos que tratam das questões de gênero e sexualidade e em estudos marxistas. No que diz respeito ao método, trata-se de uma pesquisa descritiva de cunho bibliográfico. Os principais resultados apontam que estamos em um momento histórico de muita adesão popular a narrativas fantasiosas sustentadas por teorias conspiratórias que apelam para emoções e sentimentos pessoais, minando a capacidade de observação e elaboração do pensamento crítico dos sujeitos envolvidos por tais conspirações. Dessa forma, essas narrativas vão ganhando cada vez mais espaço e alcançando seus objetivos que giram em torno de barrar o progresso social nas mais diversas áreas, impondo retrocessos por meio de uma agenda odienta, conservadora, fundamentalista e sem espaço para as diversidades.

**Palavras-chave:** Pós-verdade, Ideologia de gênero, Marxismo cultural.

### INTRODUÇÃO

Pós-verdade e *fake news* são dois termos que a partir de 2016 ganharam notoriedade e estão no centro do debate político na atualidade. Isso ocorre devido a influências e graves consequências políticas, sociais e econômicas que esses dois fenômenos têm provocado no mundo.

---

1 Mestranda do Curso de Educação Profissional da Universidade Regional do Cariri - URCA, [leiaagostinha@gmail.com](mailto:leiaagostinha@gmail.com);

2 Estudante das questões de gênero e diversidade sexual, com mestrado inconcluso pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, [lorenakellyc@gmail.com](mailto:lorenakellyc@gmail.com);

3 Mestrando do Curso de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, [gaifce@gmail.com](mailto:gaifce@gmail.com);

4 Professor orientador: Doutor, Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri-CE, [glauberto.quirino@urca.br](mailto:glauberto.quirino@urca.br).



O termo pós-verdade, em inglês *post-truth*, foi escolhido no final de 2016 pelo *Dicionário Oxford* como a palavra do ano. Sua justificativa para a escolha foi que o uso da palavra havia crescido muito no decorrer do ano em razão, sobretudo, de dois acontecimentos principais: a decisão de saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit) e a eleição norte-americana. Conforme o Dicionário, o vocábulo pós-verdade significa: “um adjetivo relacionado ou evidenciado por circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos por emoções ou crenças pessoais”.

Esse apelo a emoções ou a crenças pessoais é feito pelo uso intencional, deliberado e epidêmico das *fake news* (notícias falsas). Desse modo, a realidade factual é manipulada e negada para que através de falsas informações, geralmente com forte apelo à cultura religiosa judaico-cristã, se consiga atingir a opinião pública e, assim, provocar a tomada de decisões equivocadas, a exemplo da eleição de candidatos de extrema direita que flertam com o autoritarismo e a violência e que travam uma verdadeira cruzada contra grupos que não se encaixam no modelo cultural normalizado e valorizado: homem, cis, branco, heterossexual e cristão.

São exemplos de *fake news*, ou notícias falsas, as narrativas da “ideologia de gênero” e do “marxismo cultural”, as quais têm sido usadas por religiosos e políticos conservadores para causar medo e pavor nas pessoas por meio da deliberada e orquestrada distorção dos estudos de gênero e da teoria marxista. Essas *fake news* acabam provocando efeitos reais e danosos na vida de pessoas que têm a sua condição existencial diretamente relacionadas com as questões de gênero e sexualidade e que são afetadas por essas narrativas falsas, a exemplo dos LGBTI+ e as mulheres.

Nessa perspectiva, objetivamos demonstrar como, a partir de quê e com quais intenções essas narrativas são construídas e divulgadas, e faremos isso a partir de um estudo descritivo bibliográfico.

Os principais resultados apontam que estamos em um momento histórico de muita adesão popular a narrativas fantasiosas sustentadas por teorias conspiratórias que apelam para emoções e sentimentos pessoais, minando a capacidade de observação e elaboração do pensamento crítico dos sujeitos envolvidos por tais conspirações. Dessa forma, essas narrativas vão ganhando cada vez mais espaço e alcançando seus objetivos que giram em torno de barrar o progresso social nas mais diversas áreas, impondo retrocessos por meio de uma agenda odienta, conservadora, fundamentalista e sem espaço para as diversidades. No Brasil, por exemplo, isso tem ocorrido em diversas áreas, especialmente na educação, que tem sido alvo

de ataques como o Programa Escola sem Partido, o qual pretende impedir a liberdade de ensinar e impor uma agenda conservadora, reacionária e antidemocrática no âmbito da educação.

A conclusão desse estudo nos fez perceber que as *fake news*, bem como as teorias conspiratórias são frutos de ações intencionais, promovidas, geralmente, de forma orquestrada, com o objetivo de atingir os sentimentos e as crenças das pessoas, e com isso, manipular a opinião pública sobre determinados temas. Atualmente, o uso de redes sociais como *facebook* e *whatsapp*, entre outras, tem impulsionado a divulgação de *fake news*, atingindo um elevado número de pessoas e influenciando várias dimensões da vida em sociedade, sobretudo o campo político.

## **METODOLOGIA**

Para Gil (2002, p.44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado”. Portanto, conforme critérios desse autor, este estudo trata-se de uma pesquisa descritiva de cunho bibliográfico, pois estabelece relações entre os elementos investigados. Entretanto também se aproxima da pesquisa explicativa que objetiva explicar as razões pelas quais determinados fenômenos acontecem.

Nessa perspectiva, considerando que só foi utilizado material tendo como fonte livros e artigos, esta pesquisa constitui-se bibliográfica em sua totalidade.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **A ERA DA PÓS-VERDADE E AS *FAKE NEWS***

A filósofa brasileira Marcia Tiburi nos esclarece que a era da pós-verdade diz respeito à criação de teorias delirantes tão bem espalhadas e defendidas “que desamarrou o sujeito da realidade” (TIBURI, 2019, p. 42). Para Tiburi (2019), diariamente surgem teorias delirantes que negam a realidade factual já evidenciada ao longo do tempo e da história. “Isso é possível porque, por mais improvável que seja o conteúdo do delírio, ele tem o valor de uma verdade para quem a ele se apegam” (TIBURI, 2019, p. 42).

Diante da convulsão da atual crise do capitalismo mundial surgiu um terreno fértil para a criação e proliferação de narrativas falsas e teorias conspiratórias que tentam justificar e transferir a responsabilidade pela crise capitalista para a população trabalhadora e oprimida. A

eleição do bilionário Donald Trump para a presidência dos EUA em 2016 é um exemplo dessa lógica, pois a campanha de Trump utilizou, de forma escancarada, variadas *fake news* de forte apelo racista, homofóbico, misógino e xenófobo que acabou lhe auxiliando de forma decisiva a ganhar as eleições (RIDDELL, 2019).

Contudo, essa vitória conquistada com base em notícias falsas<sup>5</sup> que faziam apologia da violência e desrespeitos diversos chamou a atenção do mundo, pois os trabalhadores e os grupos sociais oprimidos têm em sua memória lembranças de características de momentos históricos passados que os levam a temer, a exemplo do “racismo endêmico, a abolição de direitos civis e trabalhistas, repressão brutal e os assassinatos em massa que caracterizam o fascismo” (RIDDELL, 2019, p. 14).

Os movimentos fascistas são a mais nefasta consequência dos períodos de crise do sistema capitalista, pois apesar de reconhecer a existência de uma crise social:

Tentam retirar a responsabilidade do sistema capitalista, procurando antes bodes expiatórios: imigrantes, negros, judeus, mulheres autoconfiantes e independentes, LGBT's, ciganos e outros. Teorias da conspiração sobre estrangeiros são inventadas, preparadas para desviar a atenção de que o sistema social e econômico é o culpado pela crise (RIDDELL, 2019, p. 27).

Na ânsia para conseguir apoio, os movimentos fascistas – representados sobretudo pela nova direita conservadora mundial – trabalham para provocar ressentimentos, “apelam a sentimentos racistas, chauvinistas e misóginos que permeiam profundamente a chamada cultura popular sob o capitalismo” (RIDDELL, 2019, p. 27).

Daí forjarem e espalharem (potencializadas atualmente pelo uso descontrolado das redes sociais) teorias conspiratórias, a exemplo da “ideologia de gênero” e do “marxismo cultural”, as quais se configuram como narrativas falsas, mas que encontram muita aceitação e credibilidade nas mentes das massas que traz consigo uma herança ainda muito recente do fascismo em seus momentos vigorosos, como ocorreu durante a ditadura militar no Brasil, por exemplo. Consequentemente esse ranço pode se mostrar em:

---

5 Articulada por Steve Bannon, um dos maiores ideólogos da extrema direita conservadora no mundo, a eleição presidencial dos EUA em 2016 se configurou em uma verdadeira guerra de notícias falsas. Através do uso massivo de sites e redes sociais foram espalhadas, de maneira desenfreada, teorias da conspiração e conteúdos falsos. Bannon também contribuiu para a eleição populista fortemente impulsionada por *fake news* de Bolsonaro para presidente do Brasil. Atualmente Bannon se encontra na Europa tentando articular um ambiente favorável à implantação de suas ideias ultraconservadoras e reacionárias junto a políticos da extrema direita e também visando influenciar a escolha do próximo papa (líder da igreja católica, ainda a mais influente do mundo), de maneira a corresponder os anseios do conservadorismo religioso que vem sendo recusado pelo papa Francisco.



Forma de racismo, elitismo, homofobia, fundamentalismo religioso e misoginia. E se materializar em violências duras, como o estupro “corretivo”, os espancamentos, as torturas, os assassinatos e os linchamentos (WYLLYS, 2014, p. 117).

Em suma, a era da pós-verdade corresponde à cultura da mentira e da negação, que leva a um clima de desinformação e confusão muito bem aproveitados por aqueles/as que se utilizam disso para propagar suas *fake news* e teorias da conspiração carregadas de ideologias e interesses. Cria-se narrativas mentirosas para substituir o conhecimento acadêmico, científico e popular existentes, negando, dessa forma, os saberes já construídos pela humanidade. Isso ocorre:

Quando o consumo cultural coletivo da desinformação e o apego à desinformação se aliam às camadas e mais camadas de mentiras que as pessoas contam em sua vida cotidiana, nossa capacidade de enfrentar a realidade diminui severamente, assim como nossa vontade de intervir e mudar as circunstâncias de injustiça (HOOKS, 2013, p. 45).

Portanto, a era da pós-verdade e conseqüentemente o uso massivo de *fake news*, as quais apresentam uma enorme possibilidade de manipulação, retiram a capacidade das pessoas de pensarem e:

Quando as pessoas agem sem pensar, é porque já não podem pensar. Pensar é uma capacidade que lhes foi subtraída. Pensar é liberdade, e liberdade é poder, por isso, os poderosos sequestram a liberdade de todos, a fim de garantir o seu poder – o que, na verdade, é uma forma de violência (TIBURI, 2019, p. 49).

## MARXISMO CULTURAL E IDEOLOGIA DE GÊNERO

“Marxismo cultural” e “ideologia de gênero” são duas narrativas conspiratórias criadas a partir da distorção, deturpação e deslegitimação do marxismo<sup>6</sup> e dos estudos de gênero<sup>7</sup>. Segundo os “pensadores” do “marxismo cultural”, após a frustração de implantação do regime comunista no mundo, o qual ocorreria por meio da derrubada do regime capitalista, os marxistas traçaram uma nova estratégia para conseguir atingir os seus objetivos. O plano agora, segundo

---

6 Marxismo é o nome de uma corrente filosófica criada no século XIX pelo revolucionário socialista alemão Karl Marx. Também pode ser definido como o nome de um poderoso movimento político do século XX, o qual foi criado por Lenin, revolucionário e ex-Primeiro Ministro da União Soviética.

7 Diz respeito a um campo de estudos onde se busca compreender e explicar os determinantes sociais, culturais e históricos para as diferenças estabelecidas entre homens e mulheres e as conseqüências dessa lógica. Para Furlani (2016, p. 2), “são propostas teóricas e reflexões que buscam combater a violência contra a mulher e as crianças, defendendo o respeito às diferenças, à diversidade e entendem que a sociedade é plural e a escola deve discutir a exclusão e as muitas formas de preconceito”.

eles, diz respeito à tentativa de dominação cultural pelos marxistas e, a partir disso, estrategicamente, destruir a cultura e a civilização ocidentais e o modelo econômico capitalista moderno (CARAPANÃ, 2018).

Para Miguel (2016), essa teoria de ameaça através da “doutrinação marxista” foi criada a partir de uma leitura fantasiosa e equivocada da obra do filósofo italiano Antonio Gramsci, o qual defendia que a luta pela transformação social nas sociedades capitalistas deveria incluir a disputa por projetos e visões de mundo dentro da sociedade civil, evitando assim o poder hegemônico de determinados grupos. Assim sendo:

Essa sofisticada percepção da luta política se torna, nas mãos dos seus detratores à direita, uma estratégia maquiavélica e simplória, com o objetivo de solapar os consensos que permitem o funcionamento da sociedade, por meio da manipulação das mentes (a noção de “lavagem cerebral” é invocada com frequência). Gramsci é apresentado como alguém que bolou um “plano infalível” para a vitória do comunismo<sup>8</sup>: é o Cebolinha do pensamento marxista. É essa leitura bizarra que é evocada pelo nome de “marxismo cultural” (MIGUEL, 2016, p. 600-601).

Com a pretenciosa intenção de conseguir cada vez mais adeptos e mais capilaridade para essa teoria conspiratória delirante, os ideólogos do “marxismo cultural” resolveram apelar para o campo ideológico da moral judaico-cristã por intermédio da “fusão da denúncia da doutrinação marxista de inspiração gramsciana com a oposição à “ideologia de gênero” (MIGUEL, 2016, p. 601).

Assim sendo, mesmo que Marx e teóricos marxistas, a exemplo de Gramsci, não tenham demonstrado em suas obras interesse por temas relacionados a transformações culturais e portanto por questões ligadas a gênero e sexualidade, por exemplo, oportunisticamente os criadores dessas narrativas conspiratórias se utilizam de má fé e da falta de senso crítico do povo para afirmar que a “ideologia de gênero” corresponde a uma das “graves” consequências do “marxismo cultural”. Para Miguel (2016), essa “confluência foi facilitada graças ao trabalho de propagandistas da extrema-direita, em particular os alinhados a Olavo de Carvalho<sup>9</sup>, para quem a dissolução da moral sexual convencional é um passo de estratégia comunista” (MIGUEL, 2016, p. 601).

---

8 Os ideólogos do “marxismo cultural” fazem uma verdadeira confusão em relação ao que significaria marxismo e comunismo. Para eles esses dois fenômenos são exatamente a mesma coisa. No entanto, o conceito de marxismo diz respeito a uma corrente filosófica do século XIX e um movimento político do século XX, enquanto que comunismo se refere a um sistema de organização social em oposição ao modelo capitalista, almejando como resultados principais o desaparecimento da dominação de uma classe social sobre outra.

9 Uma das principais referências intelectuais da direita e extrema-direita brasileiras, Olavo de Carvalho é um dos principais representantes do conservadorismo e tem atuado massivamente para a criação fantasiosa de narrativas a partir da distorção do pensamento do filósofo italiano Antonio Gramsci.

A criação da narrativa da “ideologia de gênero” potencializou, portanto, a capacidade da teoria conspiratória do “marxismo cultural” causar pânico e repulsa sociais, pois ao distorcer os estudos sobre gênero e sexualidade colocou ênfase na agenda do moralismo conservador com forte representação em várias instâncias da sociedade. Nesse sentido, podemos afirmar que:

A “ideologia de gênero” é uma distorção desses estudos, baseada em um discurso fundado no conservadorismo que dissemina pânico, terror e desinformação entre as pessoas. Ancora-se numa narrativa de proteção à família tradicional (homem, mulher e filhos/as), acusando os/as estudiosos/as de gênero e sexualidade de terem como objetivo principal a “destruição da família”, “a transformação de meninos em meninas e vice-versa”, “o ensino de sexo nas escolas”, dentre outras afirmações dessa natureza (PEREIRA; FEITOSA, 2019, p. 200-201).

Tendo ganhado destaque ultimamente ao redor do mundo, especialmente no Brasil, o termo “ideologia de gênero” foi inventado por grupos religiosos ligados à igreja católica e posteriormente difundido também por igrejas evangélicas na tentativa de conter e distorcer os estudos e avanços em torno da agenda sobre gênero e sexualidade. Para Pereira e Feitosa (2019), “trata-se, na verdade, de uma maneira cruel e bem articulada de deformar os estudos científicos existentes, uma vez que não há, no contexto dos estudos de gênero e sexualidade dentro do campo das ciências humanas e sociais, nenhuma menção à expressão “ideologia de gênero” (PEREIRA; FEITOSA, 2019, p. 201).

Através do fundamentalismo que “se define pela percepção de que há uma verdade revelada que anula qualquer possibilidade de debate” (MIGUEL, 2016, p. 393), os ideólogos e adeptos da “ideologia de gênero” rejeitam, de forma cética, toda a diversidade que não está revelada nas suas crenças religiosas. Fechados a qualquer tipo de diálogo que não seja a reafirmação de seus dogmas religiosos, os combatentes<sup>10</sup> da chamada “ideologia de gênero” travam uma verdadeira cruzada contra aqueles/as que militam pelos direitos das mulheres, das pessoas LGBTI+, pelos direitos sexuais e reprodutivos, pelo reconhecimento das famílias homoafetivas, pelo direito à descriminalização do aborto e sobretudo pelo direito de se estudar e debater todas essas questões no âmbito da educação formal.

---

10 É interessante observar que combatem algo que eles mesmos idealizaram e divulgaram, pois os estudos de gênero têm a intenção de combater as desigualdades sociais entre homens e mulheres, além de fazer refletir sobre os papéis sexuais que acabam delimitando as pessoas em caixinhas convencionais. Portanto, como toda teoria da conspiração, a “ideologia de gênero” criou o seu monstro inimigo e que deve ser combatido a todo custo. E esse monstro é a ideia equivocada e fantasiosa que se criou do outro, ou seja, aquele/a que não se encaixa nas suas verdades reveladas e que, portanto, é tratado/a como uma aberração, uma coisa desprovida de humanidade que deve ser eliminada.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O aparecimento e recrudescimento de teorias conspiratórias, a exemplo do “marxismo cultural” e da “ideologia de gênero” consiste na reação odienta, ensandecida e furiosa da nova direita mundial<sup>11</sup> que está inconformada e não aceita as transformações culturais ocorridas nas últimas décadas no ocidente (ALEXANDER, 2018). Através dessas transformações, as quais são resultado direto do fortalecimento das democracias, grupos que até então eram ignorados e oprimidos – mulheres, LGBTI+, negros/as etc – passaram a protagonizar lutas que lhes trouxe resistência, visibilidade e inserção em espaços antes restritos ao *establishment*<sup>12</sup>.

A constante luta desses movimentos sociais tem tentado fazer com que suas reivindicações sejam transformadas em políticas públicas. No entanto, essas tentativas vêm sofrendo forte reação e oposição, sobretudo, de grupos conservadores religiosos e inseridos em partidos políticos e, no caso do Brasil, com influente participação no Congresso Nacional.

Uma dessas reações resultou no Projeto de Lei nº 867/2015, que cria o Programa Escola sem Partido, o qual traz consequências graves para a educação, pois nos mostra que “é o ato de educar como mediação complexa da formação humana que é o alvo do conservadorismo das elites empresariais e de grupos político-religiosos por intermédio de seus intelectuais e parlamentares comprometidos com o atraso em termos inquisitoriais” (CIAVATTA, 2017, p. 8).

Defendendo argumentos como o de se combater “um elevado grau de contaminação político-ideológica nas escolas brasileiras em todos os níveis de ensino”; “um numeroso e organizado exército de falsos educadores que se aproveitam da liberdade de cátedra para impor visões de mundo particulares aos estudantes”; a “ideologia de gênero” e “a contaminação político-partidária no âmbito da educação escolar”, o Escola sem Partido pretende amordaçar os professores e retirar o pluralismo de ideias, a liberdade e o respeito à diversidade do âmbito educacional (ESPINOSA; QUEIROZ, 2017).

Nessa perspectiva, o Escola sem Partido tem sido uma maneira de se colocar em prática o que já vem ocorrendo em vários países, onde:

---

11 Também chamada de extrema direita, trata-se de um movimento crescente mundialmente que tem como principais características o nacionalismo exacerbado e hipócrita, o autoritarismo, o conservadorismo, o populismo, a xenofobia e o total desprezo pela pluralidade.

12 Referimos aqui a elite social, econômica e política de um país.





A arena pública tem sido tomada por mobilizações voltadas a eliminar ou reduzir as conquistas feministas, a obstruir a adoção de medidas de equidade de gênero, a reduzir garantias de não discriminação, a entravar o reconhecimento dos direitos sexuais como direitos humanos, e a fortalecer visões de mundo, valores, instituições e sistemas de crenças pautados em marcos morais, religiosos, intransigentes e autoritários (JUNQUEIRA, 2019, p. 136).

E os resultados concretos desse tipo de movimento conservador e de extrema direita já vêm ocorrendo:

A ponto de em 2014, por causa de grande pressão exercida pelo movimento, o Plano Nacional de Educação (PNE) ter “excluídas todas as metas relativas ao combate à desigualdade de gênero”, (Penna 2015) o que já demonstra, infelizmente, sua força no atual cenário político nacional (ESPINOSA; QUEIROZ, 2017, p. 51).

Dessa forma, podemos dizer que existe uma intencionalidade em não querer que se discuta gênero e sexualidade nas escolas, afinal:

Cada ordem social estabelecida empenha-se para que suas assimetrias e arbitrariedades históricas sejam percebidas como ordenamentos naturais, e continuem a ser impostas e perpetuadas como legítimas, necessárias, imutáveis ou inevitáveis. De fato, uma das estratégias ideológicas centrais do discurso antigênero é renaturalizar a ordem social, moral e sexual tradicional e apontar como antinaturais crenças, ideias ou atitudes que contrariem essa ordem, bem como rechaçar a contribuição das ciências sociais para compreensão dos processos sociais, históricos e culturais de construção da realidade (JUNQUEIRA, 2019, 139).

Entretanto, os estudos de gênero têm demonstrado que as desigualdades entre homens e mulheres não são naturais e que a diversidade sexual também não é uma consequência direta dos órgãos sexuais dos indivíduos. Para Louro (2008),

não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente (LOURO, 2008, p.18).

Portanto, através dos estudos de gênero e da luta dos movimentos feminista e LGBTI+ está sendo possível desnaturalizar as relações de gênero, historicamente impostas, assim como perceber as hierarquizações sexuais e a heteronormatividade<sup>13</sup> que levam ao machismo, à misoginia, ao sexismo, à LGBTfobia e ao ódio como política, impedindo que a agenda de gênero e sexualidade sejam contempladas nas políticas públicas (JUNQUEIRA, 2019).

---

13 Ideia que trata a heterossexualidade como a norma em uma sociedade, marginalizando todas as demais orientações sexuais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adaptar os discursos a circunstâncias visando alcançar interesses escusos em detrimento da verdade factual promove a tirania e a servidão a narrativas de poder ilegítimas que provocam consequências nefastas na vida das pessoas. Nessa perspectiva, as teorias conspiratórias do “marxismo cultural” e da “ideologia de gênero” foram criadas e divulgadas para confundir as pessoas e provocar um clima de medo e pânico, através da construção de inimigos imaginários, mas que na era da pós-verdade parecem reais.

Em tempos de pós-verdade, a melhor forma de se combater a propagação de *fake news*, bem como de teorias conspiratórias, é buscar a verificação das notícias e informações antes de replicá-las nas redes sociais ou nos bate-papos em rodas de conversa com amigos e familiares.

Outro ponto importante a se destacar é a necessidade de valorizarmos os fatos científicos e o conhecimento historicamente construído, uma vez que até os fatos comprovados pela história e pelas ciências têm sido colocados em dúvida pelos arquitetos e disseminadores de *fake news* e teorias conspiratórias.

## REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Proposições**. São Paulo, v. 19, n. 2, p.17-23, mai./ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

TIBURI, Marcia. **Delírio do poder: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

TABER, Mike; RIDDELL, John. **Introdução**. In: ZETKIN, Clara. Como nasce e morre o fascismo. Tradução de Eli Moraes. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

WYLLYS, Jean. **Tempo bom, tempo ruim: identidades, políticas e afetos**. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2014.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.



MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro / From “Marxist indoctrination” to “gender ideology”: Escola Sem Partido (non-partisan school) and gag laws in Brazilian congress. **Revista Direito e Práxis**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 590-621, set. 2016. ISSN 2179-8966. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25163>>. Acesso em: 26 set. 2019. doi:<https://doi.org/10.12957/dep.2016.25163>.

FURLANI, Jimena. “Ideologia de Gênero”? Explicando as confusões teóricas presentes na cartilha. Versão revisada 2016. Florianópolis: FAED, UDESC. Laboratório de Estudos de Gênero e Família, 09 pp, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jimena.furlani>> Acesso em: 26 set. 2019.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: SOLANO, Esther (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 16-26. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4476955/mod\\_resource/content/1/L.%20Bulgarelli%20Moralidades%2C%20direitas%20e%20direitos%20LGBTI.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4476955/mod_resource/content/1/L.%20Bulgarelli%20Moralidades%2C%20direitas%20e%20direitos%20LGBTI.pdf)> Acesso em: 28 set. 2019.

CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. In: SOLANO, Esther (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 34-41. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4476955/mod\\_resource/content/1/L.%20Bulgarelli%20Moralidades%2C%20direitas%20e%20direitos%20LGBTI.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4476955/mod_resource/content/1/L.%20Bulgarelli%20Moralidades%2C%20direitas%20e%20direitos%20LGBTI.pdf)> Acesso em: 28 set. 2019.

PEREIRA, Lorena Kelly Alves; FEITOSA, Teresinha de Sousa. O debate sobre questões de gênero e diversidade sexual como tema transversal na educação brasileira. In: VIANA, Isabel Carvalho [et al]. **Ensino Transversal: flexibilidade curricular e inovação**. Portugal: Centro de Investigação em Estudos da Criança - Instituto de Educação, Universidade do Minho, 2018. p. 196-210. Disponível em: <<http://cffh.pt/cffh/public/files/e-book-crosscut-2018.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2019.

ALEXANDER, Jeffrey C.. Vociferando contra o Iluminismo: A ideologia de Steve BannonA IDEOLOGIA DE STEVE BANNON. **Sociologia & Antropologia**, [s.l.], v. 8, n. 3, p.1009-1023, dez. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752018v8310>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-38752018000301009&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752018000301009&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 10 set. 2019.

CIAVATTA, Maria. Resistindo aos dogmas do autoritarismo. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

ESPINOSA, Betty R. Solano; QUEIROZ, Felipe B. Campanuci. Breve análise sobre as redes do Escola sem Partido. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.



JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A “ideologia de gênero” existe, mas não é aquilo que você pensa que é. In: MARIANO, Alessandro [et al]. **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.